

Não Somos Racistas

Segunda-feira, 24 de Agosto de 2009

[Corpos estranhos: o caso Carrefour](#)

O recente caso de espancamento de um homem negro no estacionamento do supermercado Carrefour em São Paulo é mais um episódio do cerco a que é submetida a **classe média negra** vítima do racismo que muitos afirmam não existir na sociedade brasileira.

Januário Santana, 39 anos funcionário da USP, segurança e eletrotécnico em segundo emprego, aguardava a família fazer compras no Supermercado Carrefour na cidade de Osasco na Grande São Paulo quando na noite de 7 de agosto foi tido como suspeito do roubo de um carro e de uma moto foi preso e torturado numa sala da empresa por seus seguranças e pela polícia militar. O carro da família é um Ford Eco Sport de valor entre 30 e 50 mil reais que está sendo pago em 72 prestações fruto do trabalho do casal. Sua esposa trabalha no almoxarifado do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo há 17 anos, ambos são negros e nordestinos.

Em São Paulo, no Rio de Janeiro como em todas as grandes cidades brasileiras, fora dos bairros populares onde é grande o número de negros ao volante de seus próprios carros, transitar pela cidade como se ela fosse um espaço livre e democrático acessível a todos os seus moradores pode resultar numa grande frustração.

Você não precisa ser espancado numa sala do supermercado ou do Shopping Center, basta transitar fora dos bairros da periferia, fora dos horários comerciais ou dos eventos populares para sentir na pele o quanto não somos um país racista.

Tento imaginar o constrangimento de Januário e Maria nos corredores da USP - a maior Universidade do país - onde ambos trabalham. Ele com o olho roxo e o dente quebrado tentando agradecer a solidariedade manifestada por funcionários, estudantes e professores aos infortúnios do seu "fardo da cor". Ou o constrangimento de sua esposa Maria nos corredores do MAC - Museu de Arte Contemporânea da USP - onde ela ajuda a cuidar de um dos maiores acervos de arte do país, violada na sua dignidade por uma "divergência estética" com os seguranças da **multinacional francesa Carrefour**.

Corpos estranhos é o nome de uma das atuais exposições do **MAC** e serve de referência para ilustrar o ambiente intelectual que cerca a população negra e que também serve de barreira para sua realidade. Ambientes de sofisticação e o refinamento artísticos e intelectual da elite que não servem para sensibilizar seu olhar para a estética cotidiana da vida nacional.

Como ironia vale ainda destacar que o **MAC** este ano celebra o **Ano da França no Brasil** e o Carrefour, uma empresa francesa já seleciona a compra de carne bovina de frigoríficos que agredem o meio ambiente na Amazônia. Quanto a carne negra e aos corpos negros que ela personificam a situação é diferente.

A gerência do supermercado e da empresa de segurança certamente não frequentam os corredores, as salas de aula, o museu de arte contemporânea nem o estacionamento da USP e por isso não puderam perceber que os poucos negros que lá trabalham podem ter seus carros novos com financiamento garantido por seus salários e empregos e fazer suas compras do mês no supermercado que preferirem.

A persistência do racismo apesar das negativas constantes por parte da mídia hegemônica e de livros como o do diretor de jornalismo das Organizações Globo - Não Somos Racistas - Ali Kamel e da opinião pública que eles alimentam negando a existência do racismo sistêmico no Brasil é uma infeliz contrariedade para suas teses.

Teimosa esta realidade que insiste em contradizer a fina flor da intelectualidade brasileira!